



POR QUE OS HUMANOS USAM DROGAS?

Patricia Maia von Flach

Por que os humanos usam drogas?



O Humano – o reconhecimento do tempo e da morte

O social – *“Nossos nascimentos não são garantias inelutáveis de destino, mas portam a semente do que poderemos ser.”*(NERY FILHO, 2010)

A droga – alternativa ao sofrimento humano/uma possibilidade de prazer

(...) concluo que, fundamentalmente, os humanos usam drogas porque se tornaram humanos.”(NERY FILHO, 2010))

Homogeneização social e cultural dos usuários



“A cena da droga nunca é a mesma, assim como não são os seus agentes e isto não apenas no tempo, mas nos diferentes espaços da cidade”

(Espinheira, 2002)

Homogeneização social e cultural dos usuários



- Evitar reducionismos que faz equivaler consumidores e drogas, mascarando a realidade e tornando:
- o **consumidor** (a exemplo do usuário de crack) um tipo estigmatizado, rotulado como fraco, doente ou marginal, totalmente desmoralizado...
- e a **droga** uma força poderosa que corrompe o ser e a sociedade - A droga como o grande mal da humanidade.
- Desresponsabilização do estado e da sociedade e enorme responsabilização no usuário e na droga

Quem é o usuário de crack?



- *“Naquele tempo eu era o próprio saci, ainda bem que envelheci e fui aprendendo umas coisas. Nega você acredita que eu não tomava banho, vivia suja, mal vestida e fumava na frente dos homi? Eu não tenho um pingo de juízo na cabeça. Vê se você me vê hoje assim? De jeito nenhum, eu não sou sacizeira, sou usuária e vira e mexe monto minha banquinha. Tenho que me plantar!”*

MALHEIRO, L., 2010 - **Entre sacizeiros, usuários e patrões:** um estudo etnográfico sobre cultura de consumo de crack no Centro Histórico de Salvador. Salvador, 2010

Sacizeiro, usuário e patrão



	<i>SACIZEIRO</i>	<i>USUÁRIO</i>	<i>PATRÃO</i>
Disponibilidade da Droga	Pouca	Regular	Muita
Estrutura de Vida	Precária	Estável	Estável
Padrão de consumo	Compulsivo	Controlado	Controlado
Etapas de consumo	Iniciante	Uso Regular	Uso Ocasional

Sacizeiro, usuário e patrão



“Aqui tem um cotidiano que é o seguinte, tem pessoas que tem o auto-controle para usar, sair, voltar mas tem outras não que só fica se atiçando mesmo. Se atiça no bagulho e fica naquele negócio, não quer se cuidar, vende tudo o que tem e tal, esse é o sacizeiro, a gente não aprova. mas tem os brod que corre atrás também, que somos nos os usuários.” JC

A saída para a rua ou a rua como uma saída?



A rua pode representar uma possibilidade de existir, de organização relacional com o mundo; pode significar a busca de resolução para a dor de uma existência marcada por conflitos, frustrações e privações objetivas e subjetivas.

O encontro com a droga



- A **droga** pode significar uma “**reparação**” frente a uma história de exclusão e desagregação familiar.

(...) a alteração da percepção da realidade pode adquirir um caráter lúdico, com a vivência de momentos mágicos, sensações de poder e/ou euforia. Ao aliviar o enfrentamento da realidade, o uso de drogas também pode representar uma forma paradoxal de preservação mental.

(NOTO et al.,2003,p.32)

A TERAPÊUTICA INDICADA...



“ A desmoralização, no sentido mais comum do termo, dos usuários de crack requer, como prevenção ou intervenção, a moralização desse sujeito tornado **sujeira humana...**” (Espinheira, 2002: 14)

A terapêutica indicada é a **inclusão social**, o que implica **novas formas de vínculo** entre profissionais e usuários, **redimensionamento das práticas institucionais** e uma **articulação** entre as diferentes redes (heterogêneas) promotoras de saúde.

Clínica Ampliada na Saúde Mental



A clínica praticada é a clínica em movimento,“(…) fora dos espaços convencionais, com o que se inauguram outras formas de engate terapêutico, bem como outras possibilidades de conexão com os fluxos da cidade e da cultura. ”Estar-presente-em movimento”, por as pessoas de pé, deterritorializar o contexto e o setting, habitar o limite e a tensão, investir na força, eis uma reversão dos hábitos clínicos consagrados(…)” (PELBART, P. apud LANCETTI, A.).

“[...] e a conclusão inevitável é essa.



São os moralistas que sustentam os traficantes e o tráfico, a alta criminalidade do momento e a corrupção epidêmica. As drogas são coisas químicas, não são problemas, são parte da solução de problemas”

(ESPINHEIRA, 2009:19)

REFERÊNCIAS



1. AMARANTE, P. Saúde Mental, Desinstitucionalização e Novas Estratégias de Cuidado. In: GIOVANELLA, L. et al. (Org.). **Políticas e Sistemas de Saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 547-574.**
2. BRASIL. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/ AIDS. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas/ Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e AIDS.** Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
3. ESPINHEIRA, G. Geometrias do Movimento: Prefácio. In: NERY FILHO, A. et al. (Org.). **Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2009.p. 9-20.**

REFERÊNCIAS



4. FLACH, P.M.V. **A Implementação da Política de Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas no Estado da Bahia.** 2010. 161p. (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
5. MACHADO, A.R. **Uso prejudicial e dependência de álcool e outras drogas na agenda da Saúde Pública: um estudo sobre o processo de constituição da política pública de saúde do Brasil para usuários de álcool e outras drogas.** 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.
6. NERY FILHO, A. Por que os humanos usam drogas?.In: **Módulo para capacitação dos profissionais do projeto Consultório de Rua.** Antonio Nery Filho, Adréa leite Ribeiro Valério (orgs). – Brasília:SENAD; salvador: CETAD, 2010. 89p

REFERÊNCIAS



7. Pelbart, P.P. *Prefácio*. In: Lancetti, Antonio. **Clínica Peripepática**. São Paulo: Hucitec, 2006. (127p – (SaúdeLoucura; 20. Série Políticas do Desejo;1)
8. MALHEIRO, Luana. Entre sacizeiros, usuários e patrões:
um estudo etnográfico sobre cultura de consumo de crack no Centro Histórico de Salvador
9. Espinheira, G – Os tempos e espaços das drogas In *Entre riscos e danos*, 2002